PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo. Martins Fontes. 2012. 211 p.

Rodrigo da Costa Araujo¹

livro *Com Roland Barthes* (2012), de Leyla Perrone-Moisés é ele mesmo, em sua elaboração e estrutura, um elegante elogio à crítica literária de Roland Barthes. A capa e título da obra, para textos instigantes e convidativos para qualquer leitor atento, já são, de certa forma, encaminhamentos para confissões de uma parceria amigável e de um trabalho de troca, respeito e laços afetivos no diálogo/trabalho literário. Deles, nasce o jogo do processo escritural que vai revelando-se, aos poucos, nas regras e no sabor do próprio jogo da escritura, da crítica que é, também, a própria elegância no trato com a linguagem,

¹ Rodrigo da Costa Araújo é professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte (2008-UFF) e Doutorando em Literatura Comparada [UFF]. Ex-Coordenador Pedagógico do Curso de Letras da FAFIMA, pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ / CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF/ CNPq. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces*, *Leituras em Educação* (Opção 2011), *Saberes Plurais: Educação, Leitura e Escola*, *Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite* (Opção-2012). E-mail: rodricoara@uol.com.br

com sutilezas da tradução, com o requinte da palavra bem escolhida para determinado contexto linguístico e estético.

Aqui e ali, entre a evolução e conceitos de Barthes, de trocas de cartas e elogios ou, mesmo entre percepções da crítica barthesiana e da crítica de Leyla Perrone-Moisés, o leitor constrói, nessas configurações, o cenário de um jogo tramado como e com a linguagem e escolhas literárias. Afinal, dessas relações, ele colhe o gesto de uma crítica que, também é, construída em experiências, encenações sgnicas, sutilezas, trocas, construções de sentidos plurais e ao gosto requintado do prazer do texto.

Nessa trama, ela mesma rede e laços intertextuais de leitura e tradução, delicadeza e crítica, sabor e reflexão, o leitor barthesiano entenderá que o texto é uma construção laboriosa como o trabalho hifológico, feito de costuras, arquetado em teias de aranha para envolvê-lo no processo que já o seduz pela aparência estética e que guarda o trabalho com a linguagem. O texto sobre a crítica ou a crítica sobre o texto literário, nesse sentido, é trama, jogo, prazer, gozo e reflexão.

A arrumação das informações no livro, — fases de Barthes e divulgação de seu trabalho no Brasil, a troca de cartas e diálogos constantes — revelam, antecipadamente, a paixão da crítica pelas transgressões do semiólogo, ou vice-versa, a paixão de Barthes pela crítica literária e pela literatura. De algum modo, o leitor, ao perceber essas combinações no livro, perceberá, também, as sutilezas do trabalho da escritura, da tradução como escritura, do texto enquanto reescritura, do jogo do autor-leitor, do crítico-escritor, da escritura-leitura. Elas, em suas nuances, remontam as faces, facetas, requintes e exuberâncias de um Barthes-escritor e esteta.

O gesto da mão pela escrita, a letra de Barthes no papel, as relações da escrita com o a crítica oferecem visualmente, pelas cartas e manuscritos, preparados minuciosamente para essa edição, alguma abertura por onde se observa a afetividade entre Roland Barthes e Leyla. O livro traz, pelas dezesseis cartas em *fac-símile* e outras digitadas, as reações e marcas da escrita de Barthes ao movimento dos dias e suas observações diante do que sua amiga brasileira lhe diz ou mostra por meio de artigos e traduções. Pelas mãos e escrita de Leyla, por sua vez, acompanhamos, delicadamente, os conceitos, os neologismos propostos por Barthes, alguns traços biografemáticos inscritos na crítica escritura do autor de *Le plaisir de texte*. Confirmam-se, pelas sutilezas, as leituras do crítico pelo viés da ficção, ou vice-versa, a leitura do escritor pela sua ensaística, dinâmica, gestos, impressões, marcas discursivas que acompanham e imprimem a vida na obra, a obra na vida, ou mesmo, múltiplas entradas e deslocamentos dessas aproximações.

Da poética à Literatura, do crítico ao escritor, da crítica à escritura, Leyla Perrone-Moisés inscreve Barthes na trama saborosa do escritor enquanto ensaísta, na escritura — que ela, também fabrica ao falar de Barthes — e que elimina, definitivamente, as fronteiras discursivas entre a escritura como arte e a escritura crítica. Feito o trabalho textual de *S/Z*, a leitura de Leyla da poética do semiólogo mostra de modo brilhante como a escritura se torna leitura e como uma leitura se torna escritura, ou, por outras palavras, como seus ensaios, cartas e entrevistas, recortados em épocas distintas, dão nascimento a outros de Barthes, através de uma leitura criativa e lúdica.

Essa pluralidade e hibridismo de gêneros — cartas, ensaios, manuscritos e entrevistas — confirmam, por algum aspecto, que a pluralidade de gêneros liga-se à pluralidade de sentido na troca de saberes. Por outro lado, o hibridismo pode ser lido como espaço de contaminação

da escrita, lugar em que a paixão de escrever, vive e pulsa, pende, irresistivelmente, às poligrafias, admite as fronteiras convenientes da teoria entre o sujeito ficcional e o autobiográfico, entre o gênero ensaístico e os traços em flagrante de uma escrita-vida-paixão. Literatura e crítica, confissões e trajetórias pessoais, cartas e letras manuscritas de Barthes, entrevista e crítica literária fundem-se como efabulação da própria poética em sua metodologia e escritura.

Da literatura e da vida, da crítica literária e das intertextualidades, do gênero epistolar e das impressões de Barthes pela mão na escrita, do sentimento e da leitura crítica, colhe-se a paixão de escrever como chave e entendimento da escritura, como reforço e indagações da obra poética. Desses traços de sutilidade, eles mesmos gesto e trança textual, percebemos a aproximação da poesia com o gênero ensaístico e o lugar da confluência de gêneros como lugar do poético, do prazer do texto ou da escrita como correspondência no prazer da leitura, sempre prazerosa, instigante e transgressora.

O livro, mais que um tributo de admiração a Barthes, mapeia a trajetória crítica da professora Leyla e de suas relações de fidelidade e aproximações com a obra do crítico-escritor. Dividido em três momentos ou entradas, a obra apresenta, cronologicamente, desde 1968 a 1980, os percursos e encontros, além das trocas de correspondências e aprendizado com Roland Barthes. O primeiro deles, intitulado *Descoberta e encontro* fala das traduções que ela faz do mestre e do preparo de sua tese de livre-docência, que, também envolve o crítico e o contato com seus seminários no Collège de France. O segundo capítulo — *Passando o anel* — resgata textos e cartas e o desejo de “pôr em circulação” os ensinamentos e trocas com o crítico-esteta. Nesse período, a professora revela ensaios e experiências obtidos com aulas ministradas nos cursos de Pós-Graduação sobre a teoria da Escritura, além de numerosas conferências e da publicação do livro *Texto, crítica e escritura*. Por último, sem fechar o ciclo de debates e pluralidades da poética de Barthes, o capítulo *Depois de Barthes* fala da divulgação, resgate e importância dos estudos de Barthes para se pensar a crítica atual.

Como grandes lexias recortadas em unidades de leituras afetuosas para a poética barthesiana, os capítulos, ao mesmo tempo em que reordenam as bases de uma leitura e trajeto de trabalho, demonstram o gesto afetivo (entremeado com cartas), aquele que escolheu - como o próprio crítico também realizou na sua prática - para ler Barthes. Fiel ao mestre e as suas intenções semióticas, *Com Roland Barthes* revela a infinita riqueza da crítica e invenção da poética barthesiana, como, também, suas numerosas possibilidades de leitura.

Com Roland Barthes reforça que as lições do semiólogo misturam-se, delicadamente, com as lições de Leyla, por vezes, não se sabe onde começa a crítica de um e onde termina o comentário crítico de outro. Deles ficam para os leitores um sabor guardado com outras interrogações e pluralidades sobre o crítico-escritor apaixonado ou sobre o próprio fazer literário da crítica.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo. Martins Fontes. 2012. 211 p.